

Sabemos que mais de um livro curioso pelos assumptos de que trata, se prepara para vir a lume, e isso é signal bem pronunciado do nosso adiantamento.

Sobre as publicações já conhecidas avulta a *Revista do Instituto do Ceará*, cuja leitura é sufficiente para attestar o nosso progresso, e realiado o programma daquella associação, que já vae tendo satisfactoria execução, não desmereceremos de hobrear com outras capitães mais illustres e mais adiantadas apesar de não despormos dos recursos que lhes sobejam.

Si não possuímos litteratura nossa, temos todavia em elaboração diversos trabalhos que mais tarde, repellido as formas acceitas, segundo a tendencia geral, hão de dar em resultado tornar-nos uma excepção no paiz, como a Hungria o é no meio da Europa.

A vista, pois, da feição progressiva que se nota, não só nas letras mas nas artes, e até no trabalho material, não receiamos dizer que temos muita fé no futuro do Ceará, tão novo e tão viril relativamente a outras provincias doadas com as riquezas da natureza.

ANTONIO BEZERRA.

A. A. BEZERRA

...  
 Não sei porque razão inda me riol  
 Não sei porque minh'alma inda se alegra  
 — Eu devia chorar, viver sombrio  
 Sob a caligem d'essa noite negra  
 Que cobre o infeliz!...  
 Mas ha em mim um não sei que que diz  
 — Uma esperança, uma crença dos amores, —  
 Que a taça amargurada dessas dores,  
 Entornando-se toda até'o fim,  
 Hade voltar-me a santa flicidade  
 Desses dias de pura mocidade.  
 — As doces illusões virão a mim!

XAVIER DE CASTRO

### Nessum maggior dolore...

A' triste luz de pobre candieiro  
 Ella trabalha. Ao branco astro radioso  
 Um grupo de creanças gracioso  
 Pula brincando alegre no terreiro.

Ella scisma no tempo tão fagueiro  
 Do seu amor... e o olhar volve saudoso  
 Para o passado alegre e venturoso

Q' desfaz-se qual sonho passageiro.

E veio-lhe ao coração fugaz tristeza  
 Aó ver todo o horror, toda a pobreza  
 Da vida, e da fortuna o negro azar!...

Massu'alma inda abriga a crença pura  
 N'um futuro que vê só de ventura  
 Dos loiros filhos no divino olhar.

A. N.

## GOSTOS

Uns gostam de ouvir da tarde  
 as harmonias eolias  
 que a mansa brisa desprende  
 na haste das magnolias,

Outros a voz magestosa  
 do sino grave, solemne  
 que ecoa nas serranias  
 como um gemido perenne.

Aquelles dos passarinhos  
 amam o canto ridente;  
 quando desponta a manhã  
 das cortinas do oriente;

Estes o doce gemer  
 da meiga pomba no ninho  
 quando pranteia saudades  
 do tenro, amado filhinho.

Gostam da calma profunda  
 dos dias quentes brumosos,  
 do retumbar das procellas  
 nos alcantis cavernosos;

Ou dos clarões fugidios  
 que rasgam da noite o manto;  
 ou do luar que se esplende  
 sobre um dorel d'amianto.

Das promessas amorosas,  
 dos beijos assucarados  
 de uns labios breves, macios  
 uns labios aveludados;

De uns olhos grandes, azues  
 de deslumbrante fulgor,  
 de uns seios que se dilatam  
 nas ardencias do amor.

Todos mais ou menos tem,  
 na vida um gosto qualquer;  
 ou seja da flor do prado,  
 ou seja d'uma mulher.

Eu, no entanto, indifferente,  
 de nada posso gostar,  
 que os dissabores da vida  
 gastaram-me o paladar.

Que me importa a mansa brisa,  
 o sol altivo, brilhante,  
 a lua, os astros, o céu,  
 a voz do sino distante?

Que me importam as mulheres  
 com seus mentidos olhares  
 e os beijos que vão morrer  
 nas taças dos lupanares?

Ha uma cousa, porém,  
 — misto de amor e innocencia,  
 a quem consagrei' minh'alma,  
 a quem dei minh'existencia...

Doce encanto, meiga aurora,  
 argentea luz da manhã  
 — é um sorriso feliz  
 dos labios de minha irmã.

88.

JOSÉ MARTINS.

## Impressões dispersas

I

Chegado da rua, exanime de fadiga, offegante, sentara-se em uma cadeira de cipó, ao lado de uma meizinha de pinho envernizada de preto, sobre a qual espalmava-se um maço de jornaes, sob um montão de livros.

O gaz derramava uma luz viva e penetrante por todos os moveis desordenados, empanados pela poeira e pela roupa cahida do cabido pregado a uma das paredes do quarto.

A noite avançava triste, silenciosa, para se termo, e elle, immobilizado no meio daquella desordem, lançava para tudo que o rodeava um olhar embotado, um olhar de bohemio evidentemente — blasé —, quando sae de um baile pavoroso e louco...

De repente ouvia-se pelos ares vir roncando a chuva que parecia um mar se desprendendo das nuvens e logo cahia interrompendo o silencio profundo da cidade.

O vento estirava-se ameaçadoramente por cima dos telhados e batiava com força nas fachadas das cazas, cujos postigos se abriam e se fechavam de repente.

Naquella posição de reconhecido bohemio sentio renascerem-lhe todas as tristezas, todas as alegrias preteritas.

E n'um instante teve uma recordação bem viva, bem fortalecente dos dias que passou longe da cidade, na roborança infinitamente boa do campo.

E como se ainda lá estivesse, poz-se a ver todas aquellas casinhas de de palha edificadas em ambas as margens da estrada que desce n'um declive sensível, serpeante, até perto de uma cruz velha, e segue por uma verde planura ao lado de um riacho que corre murmurante sobre pedrinhas alvadias, transluzentes no fundo das aguas.

Não longe das casinhas de palha via tambem, construida perpendicularmente sobre paredões de pedras, uma casa de telha com um jardim de um lado, e do outro uma leira que se estende até perto de um lago dormente, onde se reflectem todas as arvores crescidas nas margens.

Pouco distaute do mesmo lago via agora uma mangueira pujantemente frondosa, donde todos os dias sae, por entre as ondulações suaves das verdes folhas, n'um chilreamento festivo, bom, agradável, um bando de passaros que esvoaçam pelos ares em caracões sadios e esthetisantes.

Na frente da casa lhe estava também presente um rapaz alto, magro, de ceroulas arregaçadas até os joelhos, chapéo de palha de grandes abas caídas sobre os olhos, corneteando n'um enorme buzio para chamar ao almoço os trabalhadores mettidos na bastida do matto.

E estes, suarentos, offegantes, desciam ligeiros as ladeiras empinadas e tortuosas, trazendo ao hombro suas fouces, suas enxadas que eram então as suas armas favoritas, inseparaveis na lucta, no combate travado contra a natureza estupidamente rija do solo...

Momentos depois esvaia-se a visão do campo. O rapaz lia agora com sofreguidão um livro de capa amarella, que dormia sobre a mezinha de pinho.

Já nem se lembrava mais das casinhas de palha, em cujo terraço dançara uma noite de luar, ao som da viola, da voz dos cantadores que o louvavam, ao contacto quente das apanhadoras de café; nem também da frondosa mangueira, nem do lago que se cobria de folhas seccas caídas das arvores.

E no meio de toda aquella desordem do quarto o rapaz lia com a nevrose de perfeito bohemio, experimentando sensações deliciosas, roborantes, sadias, excitadas pelo estylo pinturesco e palpitante de Maupassant, no conto «As irmans Rondoli»...

MANOEL CEZAR.

## ROMANCITE

Anda aqui no Rio um alvoroço litterario que se exprimirá em innumerous romances.

Digo innumerous, porque já passam de vinte os annunciados na roda em que todos mais ou menos se conhecem. E é preciso crer que mesmo fóra da roda, também ha quem pense e tenha ardores e tenha juventude ociosa, tanto que, apesar das deserções e das promoções frequentes, os cloros das fileiras dos litteratos militantes são sem-

pre enchidos. São os irregulares que vem adextrar-se sob a disciplina dos veteranos e aprender a manobra sob as vistas dos chefes, que galardoam e punem. Como para admissão agora é exigido pelo menos um romance, muito romance deve estar em fabricação para as proximas matriculas.

Não façamos caso d'esses primeiras provas condicionaes, que são como as theses de doutorando, raramente honrosas para os candidatos. O trabalho dos que já tem galões e honras é bastante significativo como caso de estudo para quem analysa entusiasmo friamente.

Nós também temos como as nações civilizadas poetas que fazem versos e poetas que fazem prosa. Em pequeno numero, é certo; mas temos. Somente entre nós a variedade maior cabe aos versejadores. São elles os capazes de fazer poemas em um verso—pasmosos! e poemas em tres mil—illegiveis... Os prosadores, não. Sonham com um Charpentier fluminense que os infleira a todos em volumes de trezentas paginas sob a monotonia das capas amarellas, a la moda de Paris.

Estas concretisação uniforme da aspiração poetica, que teria de ser variadissima, si independente fosse e não disciplinada, é um signal caracteristico dos tempos. Já houve tempo em que a mocidade heroica se expandia em golpes de espada e cantos de amor. Havia a monotonia da animalidade dominante. A exuberancia da seiva juvenil tinha os seus escoamentos naturaes. E, purgado o animal dos seus elementos explosivos, restava o homem

capaz. Seria esse então o poeta, o Dante, o Camões ou o Cervantes—a reflexão apoz a acção.

A incapacidade para a acção atira nos para a contemplação. E o invalido idealisa as batalhas em que entrou. Mas que batalhas pode contar quem nasceu invalido? Que amores pode cantar quem se consome impotente? A vida corre-lhe silenciosa e apathica, lugubrememente. Em outros. porem, á seiva vital transformada em purulencia desabrocha em romances, que são como a florescencia da sanie. Dá-se então um facto que se estudará na historia litteraria depois de estudo na pathologia cerebral a morbidez particular, individual, toma a feição geral, dominante e affecta a forma epidemica.

Reina agora, gravissima, a romancite devastadora.

DOMICIO DA GAMA

D'A Semana

## O LUIZ DE OURO

(CONTO DO NATAL)

Traduzido para A Quinzena

Quando Luciano de Hem viu seu ultimo bilhete de cem francos passar para as mãos avidas do banqueiro e levantou-se da mesa da rolêta onde acabava de perder o resto de sua pequena fortuna reunida com tanto esforço e fadiga, experimentou uma vertigem e pensou que ia cair.

Com a cabeça perturbada, as pernas enfraquecidas atirou-se sobre a larga banquetta de couro que rodeava a mesa de jogo. Durante alguns minutos olhou vagamente a

espelunca em que gastára os mais bellos annos de sua mocidade, reconheceu as cabeças dos jogadores á luz dos tres grandes *abat jour*, escutou o tinido do ouro sobre o tapete, e pensando que estava arruinado, perdido, lembrou-se que tinha em casa em uma gaveta da commoda as pistolas com as que seu pae, simples capitão, servira tão bem no ataque de Zatcha, depois exausto de fadiga adormeceu profundamente.

Quando pareceu despertar e olhou a pendula viu que dormira apenas meia hora e sentiu a necessidade imperiosa de respirar o ar da noite.

Os ponteiros marcavam meia noite menos um quarto. Luciano lembrou-se que era vespera do Natal e por um jogo ironico de memoria recordou-se do tempo de creança em que guardava antes de deitar-se os sapatos na chaminé afim de que Jesus depozesse nelles um presente.

N'este momento o velho Dronoki assistente da epelunca, o classico polonez, aproximou-se de Luciano e disse-lhe algumas palavras em vós baixa.

—Empreste-me cinco francos, senhor.

Ha dois dias não saio de casa e ha dois dias também o 17 não sahiu. Zombe de mim si quizer, porem darei a mão a cortar si o numero não sahir immediatamente.

Luciano encolheu os hombros; não tinha na bolsa com que pagar o imposto que os frequentadores do logar chamavam os cem soldos do Polonez, passou á antecamara, pôz o chapéo e desceu febrilmente a escada.

A neve cahira abundantemente e a rua—uma rua de Paris estreita e de casas altas estava totalmente embranque-

cida. No céu de um azul profundo scintillavam palidamente as estrelas.

● jogador derrotado estremeceu e continuou a caminhar ruminando no espirito idéas de desespero e pensando sempre na caixa de pistolas que o esperava em casa.

Depois de ter andado muito deteve-se bruscamente deante de um espectáculo devéras contristador.

Sobre um banco de pedra collocado segundo o uso antigo junto da porta monumental de um hotel uma menina de 6 a 7 annos trazendo apenas um vestido preto em farrapos estava deitada sobre a neve.

Adormecêra allí apezar do frio cruel em uma attitude penivel de fadiga e sua cabeceira e a espada delicada estavam quasi occultas no angulo do muro e repousavam sobre a pedra gelada.

Um dos sapatos lhe cahira do pé e jazia lugubrememente defronte della.

Com um gesto machinal Luciano de Hem levou a mão á algibeira; porem lembrou-se de que alguns instantes antes não achára uma unica moeda e não tinha podido dar uma gorgeta ao rapaz da espelunca.

Entretanto levado por um sentimento de piedade aproximou-se da menina e ia levá-la nos braços para dar-lhe asilo durante a noite quando dentro do sapato cahido sobre a neve viu uma cousa brilhante. Era um luiz de ouro!

Sem duvida uma pessoa caridosa, uma mulher talvez tinha passado allí e vendo este calçado deante da menina adormecida recordou-se da tocante legenda do Natal e deixou discretamente esta magnifica esmola para que

a pequena abandonada acreditasse ainda nos presentes feitos pelo menino Jesus e conservasse em sua infelicidade alguma esperanza na bondade da Providencia.

Um luiz trazia muitos dias de repouso e riqueza para a mendiga e Luciano estava quasi a acordá-la para dar-lhe a bôa nova, quando ouviu bem perto como em delirio a voz do Bolonez que lhe dizia:

« O 17 não sahiu, e eu daria a mão a cortar si o numero não sahir immediatamente.

Então este moço de 23 annos que descendia de uma familia de pessoas honestas, que tinha um soberbo nome militar e nunca transgredira os preceitos da honra concebeu um pensamento espantoso, teve um desejo louco, hysterico monstruoso.

Certificou-se de que estava bem só e dobrando o joelho avançou com precaução a mão tremula e roubou o luiz de ouro á pobre mendiga.

Depois correndo com todas as forças voltou á casa do jogo, subiu ligeiro á escada, empurrou bruscamente a porta da sala maldita e penetrou nella justamente quando a pendula toava a primeira vibração da meia noite, collocou a moeda de ouro sobre o panno verde e gritou:

—Em cheio sobre o 17.

O 17 ganhou.

Luciano atirou os 36 luizes sobre o vermelho, o vermelho ganhou.

Deixou os 62 luizes sobre a mesma côr e ganhou de novo.

Continuou a jogar com a mesma felicidade. Tinha deante de si em poucos momentos um monte de ouro.

Todas as combinações do jogo tiveram resultado esplen-

dida; era uma fortuna desconhecida, sobrenatural.

Dir-se-hia que a bola de marfim saltitando nas casas da roleta estava magnetizada, fascinada pelo olhar desse jogador e lhe obedecia cegamente.

Luciano recuperara em uma dezena de lances os miseráveis bilhetes de mil francos que tinha perdido no começo do jogo, ainda mais reconstituía sua fortuna.

Em seu afan de jogar não deixára a pesada pellucia, e já havia enchido os bolsos de moedas de ouro; não sabendo onde guardar seu enorme ganho enchia também os bolsos do collete, da calça, o porta-cigarros, o lenço, tudo emfim que lhe podia servir de recipiente.

Jogava sempre ganhando como um furioso, como ebrio, e lançava os punhados de luizes sobre a mesa com um gesto de desdem e certeza.

Sentia comtudo um ferro em brasa queimar-lhe o coração quando pensava na mendiga adormecida sobre a neve, a pobre creança a quem elle roubara o luiz de ouro.

Ella estaria ainda no mesmo logar? dizia consigo.

Certamente devia estar.

Quando soar uma hora sahirei d'aqui, irei buscal a, leval-a-hei em meus braços para minha casa. hei de amal-a e educal-a como filha e não a abandonarei nunca.

Mas a pendula soou uma hora, um quarto, meia hora, 3 quartos, e Luciano conservava-se sentado á banca infernal.

Emfim um minuto antes de duas horas o chefe da partida da levantou-se bruscamente e disse em alta voz:

— E' bastante por hoje, senhores.

De um pulo Luciano levantou-se, affastou os jogadores

que o olhavam com invejosa admiração e sahiu vivamente.

Chegou a correr ao banco de pedra.

De longe ao clarão de um bico de gaz elle avistou a menina.

— Deus seja louvado, disse, ella ainda está alli.

Approximou-se mais e tomou-lhe a mão.

— Oh! como ella está fria! Pobre pequena!

Tomou-a nos braços e ergueu-a para carregal-a. A cabeça da creança pendeu sem que ella despertasse.

— Como se dorme n'esta idade!

Estreitou-a contra o peito para aquecel-a, e tomado de uma vaga inquietação, afim de acordal-a desse pesado somno, beijou-a nos olhos como faria á-sua amante mais querida.

Então viu com terror que as palpebras da menina estavam abertas e mostravam a meio as pupillas embaciadas e immoveis.

Passou-lhe pelo cerebro uma terrivel suspeita, e chegando a bocca á da menina, não sentiu o menor sopro.

Emquanto que com o luiz de ouro que elle roubáro tinha ganho uma fortuna, a creança sem asylo morrera de frio!

Preso de horrivel angustia, Luciano quiz soltar um grito, e com o esforço que fez acordou do pesadello sobre a banquetta em que adormecera pouco antes da meia noite, e onde o servente da espelunca o deixára tranquillo por um sentimento de compaixão.

Uma aurora brumosa de dezembro reflectia se pallidamente nos vidros das janellas.

Luciano sahiu da casa do jogo, empenhou o relógio, almoçou e foi ao escriptorio do recrutamento assignar um contracto como voluntario no

primeiro regimento de caçadores d'Africa.

Hoje é tenente, vive do soldo, é um bom official e nunca mais tocou em uma carta.

Parece mesmo que achou meios de fazer economias, porque outro dia em Alger um de seus camaradas que o seguia em uma rua estreita de Kasba, viu-o dar e-mola a uma pequena hespanhola adormecida junto a uma porta.

Desejando saber o que Luciano dera á pobresinha, ficou sorprendido em extremo.

Elle dera á mendiga um luiz de ouro!

FRANÇOIS COPPÉE.

## ANNUNCIOS

### J. WEILL & C.<sup>a</sup>

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

### JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos  
Comram sempre ouro velho e moedas.

CEARA'

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

### Pharmácia Albano

#### GRANDE DEPOSITO DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA— DA BOA-VISTA 63

### Motta Vieira & C.<sup>a</sup>

88—Major Facundo—88  
FÓRTALEZA

Importadores e exportadores

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 8

FORTALEZA, 10 DE JUNHO DE 1888.

## SUMMARIO

Expediente :

A formula psychologica  $x = \lg. y$  —  
R. FARIAS BRITTO.  
Divagações — R. FARIAS BRITTO.  
Uma eleição — JULIO TABOSA.  
As borboletas — JOSÉ MARTINS.  
Impressões dispersas — M. DE MEL-  
LO CEZAR.  
A saudade — MEDEMOISELLE ...  
O casamento — AMPHRISIO.  
Nupcias de Jesus — EMANUEL KAR-  
NHIRO.  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

Anno . . . . . 68000  
Semestre . . . . . 42000

Não se accitam assignaturas por  
menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Lua do Major Facundo 54

A formula psychologica :  
 $x = \lg. y$

(Conclusão)

Applicando estas regras ao  
exame rigoroso das differen-  
tes sensações, Fechner che-  
gou a determinar qual o aug-  
mento que é necessario na  
excitação para que possa pro-  
duzir differença na sensação  
correspondente.

Fica assim resolvida uma  
das faces da questão. Resta  
porém para completar-lhe a  
solução determinar qual a  
menor sensação perceptivel.

Ribot expõe os diversos

metodos de observação e  
examina os experimentações  
feitas por Fechner em rela-  
ção ao som, ao peso, a luz  
etc. Nós não entraremos na  
exposição desta materia, por-  
que além de que é muito  
complicada não traria gran-  
de esclarecimento para o fim  
a que nos propomos que é  
unicamente dar uma idéa da  
cousa. Basta dizer que Fe-  
chner chegou a determinar  
tambem qual o grau de ex-  
citação capaz de produzir  
uma sensação perceptivel.

Generalizando uma e outra  
ordem de observações, isto é,  
as observações feitas para de-  
terminar qual a menor sen-  
sação perceptivel, e as obser-  
vações tendentes a mostrar  
a menor differença percepti-  
vel entre duas sensações da  
mesma natureza, Fechner  
chegou a esta conclusão ge-  
ral: as sensações crescem co-  
mo o logarithmo da excita-  
ção: é a formula  $x = \lg. y$

A experiencia havia de-  
monstrado que a sensação e  
a excitação estão em relação  
de mutua de dependencia. A  
sensação augmenta, quando  
a excitação tambem augmen-  
ta: mas em que relação se  
faz esse augmento? E' o que  
não se sabia e é o que pre-  
tende explicar a formula de  
Fechner.

Essa formula consiste nis-  
to: estão em face uma da  
outra duas series de grande-  
za—a das excitações e a das  
sensações. As excitações re-  
presentam os factos exterior-

res; as sensações o mundo  
subjectivo. Sabe-se que as  
sensações augmentam ou de-  
minuem de intensidade con-  
forme a força das excitações.  
Se o augmento ou diminui-  
ção das sensações fosse na  
mesma proporção das exci-  
tações, a questão seria mui-  
facil; mas não acontece as-  
sim. Em primeiro lugar o  
augmento é insensivel quan-  
do a differença é muito pe-  
quena. Depois ha um limi-  
te além do qual todo e qual-  
quer augmento de excitação  
é indifferente e não poderá  
mais modificar a sensação

Todavia Fechner entendeu  
que ficava demonstrado o se-  
guinte: as sensações crescem  
numa progressão arithmeti-  
ca quando as excitações au-  
gmentam numa progressão  
geometrica: é lei  $x = \lg. y$ .

Tal é a lei creada por Fe-  
chner e que por sua origina-  
lidade provocou da parte de  
adversarios notaveis uma  
reacção excepcional. Pode-  
se dizer que nenhuma outra  
doutrina, excepto o darwi-  
nismo, produziu mais abalo  
nos tempos modernos. O  
mesmo Fechner tratando de  
responder aos criticos que o  
attacaram, resumiu as ob-  
jecções pela maneira seguin-  
te:

1.º As leis e formulas da  
psychophisica não se har-  
monisam com os factos: são  
falsamente deduzidas d'elles  
e as buscas experimentaes  
mostram excepções e estas  
leis em vez de confirmalas.

2.º Admittindo-se que estas leis têm algum valor para a psychophysica externa, não podem ser transportadas para a psychophysica interna. Em outros termos: estas leis não tem valor psychologico.

3.º Ellas levantam difficuldades mathematicas e não têm fundamento solido.

4.º São teleologicamente inconciliaveis com uma concepção racional do mundo exterior.

5.º As formulas psychophysicas portanto devem ser abandonadas ou modificadas, ou pelo menos entendidas num outro sentido.

Todas estas objecções acham se esparsas em obras importantes e numerosas firmadas por escriptores notaveis e que se acham a frente do movimento intellectual hodierno. Todavia Fecher examinando-as julgou-se autorisado a poder responder deste modo: — «A torre de Babel não completou-se porque os obreiros não puderam entender-se sobre a maneira de edifical-a: o meu monumento psychophysico ficará, porque os obreiros não sabem entender-se sobre a maneira de demolil-o.»

Eis o que podemos estabelecer sobre a theoria psychophysica. Resta nos indagar a influencia que poderá exercer considerando a sob o ponto de vista da philosophia geral.

A psychophysica marca o começo de uma era nova no dominio da psychologia. Deixou-se do lado o antigo phantasma da alma e começou-se a entrar na verdadeira comprehensão da unidade do espirito. É certo que a mesma variedade que se observa nos factos da natureza, encontra-se nos elemen-

tos do espirito, e aquillo a que se poderia dar o nome de alma, não é mais que a representação ideal das manifestações exteriores. Todavia essa variedade desaparece quando se penetra mais fundo e chega-se a verdadeira comprehensão das relações entre o sujeito e o objecto. Verifica-se então que a variedade é o producto de uma substancia unica e o verdadeiro principio a que o espirito tem assim de elevar-se é a unidade.

A psychologia allia-se ás demais sciencias e proclama como elementos de vida a experimentação e o calculo. O espirito deixou de ser uma substancia desconhecida e independente, occulta nas profundezas do organismo, sempre voltada para si mesma e sem poder jamais conhecer-se e o cerebro tornou um laboratorio de observação.

Deixa-se de lado o preconceito, trata-se de construir a sciencia sem nenhum plano, sem ter em vista defender esta ou aquella idéa, mas unicamente com o fim de conhecer a verdade. Estuda-se os diversos elementos do espirito, examina se a intensidade das sensações, mede-se a extensão de cada força que concorre para as operações do espirito; em uma palavra, estuda se a actividade psychologica em todas as suas manifestações no organismo através das excitações nervosas. Conhece-se assim que o espirito não é um facto isolado, estranho aos phenomenos da natureza e reservado o destinos supra-sensíveis, com o querem accreditar os representantes da velha eschola; ao contrario, é o ponto central da natureza, é a idea que unifica o mundo.

« Se pensamos com St. Mill, Bain e Tain, diz Leon Dumon, que a consciencia, o eu, o espirito, devem ser legados a sensações elementares, cremos por outro lado contra estes mesmos philosophos, que este elementos são somente os materiaes do pensamento e que a existencia de uma substancia é necessaria para explicar a elaboração do pensamento mesmo. Esta idéa vem completar as nossas proposições.

Apresentando o espirito como elemento unificador do universo, apenas com isto reconhecemos a necessidade desta substancia de que falla Leon Dumon. Esta substancia é dupla, diz a philosophia spiritualista: spiritual é corporea. Esta substancia e uma, diz a philosophia moderna. Tal é o principio proclamado por Fechner quando estabelece a unidade do facto que se manifesta ao mesmo tempo como espirito e como corpo.

Os sectarios da concepção positiva do mundo, repellem a idéa de substancia e só admittem entre os factos elementares, relações de successão e de coexistencia.

Deste medo, porem, o espirito fica nadando inteiramente no vacuo e quando se procura um ponto de apoio, tudo se desfaz como simples poeira: é preciso pois uma base mais solida. Os phenomenos nas suas relações de sequencia e de coexistencia estão sujeitos a leis necessarias e immutaveis, mas estas leis estão sob a dependencia de um laço common que ligue entre si os mesmos phenomenos. «Pode-se bem, diz Leon Dumon, conceber um conjuncto ou um total susceptivel de ser percebido objectivamente, mas não

se torna comprehensivel a consciencia subjectiva da individualidade desse conjuncto. Para isto é preciso que haja outra cousa alem da successão ou da simultaneidade: é preciso que haja a substancia, a força e causalidade» A tecnologia pouco adianta: para nos esta substancia, esta força, esta causalidade, tudo isto é o principio unico e indivisivel que se revela no seio da natureza por estas duas manifestações fundamentais. o sujeito e o objecto.

Podemos agora voltar a psychophysica. O sujeito é a medida natural do objecto, o objecto é a medida natural do sujeito. Quando queremos estudar o objecto, devemos fazel-o pela representação ideal que dello temos na consciencia: quando quisermos estudar o sujeito, devemos consideral-o em suas maneiras de comprehender o objecto. Querer isolar o sujeito do objecto, ou separar o objecto do sujeito, é destruir o equilibrio da substancia: tal é o erro do espiritualismo.

A phisica, a mechanica e todas as outras sciencias objectivas, estudando os factos exteriores pelo calculo e pela observação, taes como se manifestam na consciencia, elevaram-se por methodos regulares ao conhecimento da materia de que se occupam, e têm criterios seguros para que se possa reconhecer a verdade. Restava á psychologia, isto é, á sciencia dos factos subjectivos realizar a mesma conquista: foi o que procurou resolver a psychophysica. Se não o fez, pelo menos comprehendeu o problema com todas as suas difficuldades e apontou o caminho a seguir-se.

R. FARIAS BRITTO

## DIYAGAÇÕES

Anginho, eu nunca vi uns braços tão formosos,  
Uns braços como os teus, são muito perigosos.  
Não me heide admirar se acaso acontecer.  
Que por elles alguém té venha a enlouquecer.

Mas tu sabes a longa, a decantada historia,  
Cheia de luto e dor, cheia de triste gloria,  
Destas filhas do céu, as pallidas donzellas...  
Destas mocinhas bellas  
Dos braços provocantes,  
Cheias de phantasia e sonhos delirantes!

Ha nesta sombria historia um quadro tenebroso.

Amor não tem cabeça, é um anjo caprichoso  
A quem domina só a lei do despotismo  
Contem em si a luz e a escuridão do abysmo.  
E vendo como os teus uns braços faiscentes,  
Ouve: não pensa mais, desejos delirantes  
Arrastam-no cruéis, e o pobre cae vencido  
Aos pés do anjo amado  
Inda que estrangulado  
Tenha de ser ferido  
Pela maldade atroz de atrozés inimigos.

Escuta, anginho meu; teus braços são amigos  
Ou parentes do jogo  
Quem os vê, sente logo  
Arder seu coração nas chamas flamejantes  
De um terrivel incendio! Oh braços derrantes!  
Não sei quem poderá teus braços igualar.  
Quem vê teus braços nus, oh flor, perde a cabeça,  
E louco affronta a tudo, ao fogo se arremessa;  
Quem vê teus braços nus, se perde e quer amar.

Não deves descobrir teus braços perigosos.  
Uns braços como os teus, uns braços tão formosos  
Amor não pede ver.  
Vae, pois, menina, vae, vae logo sem demora,  
Vae, menina cruel, menina encantadora  
Teus braços esconder.

R. FARIAS BRITTO.

## UMA ELEIÇÃO

Em torno de uma meza as cinco irmãs sentadas,  
Com gestos varonis, todas trajando lucto,  
Diziam entre si com vozes magoadas:  
— Já não existe Hugo, nem ha substituto.

Levantou-se a Europa; ergueu machinalmente  
N'altura de uma urna a chapa que trazia;  
Alli depoz um voto. A Asia incontinentemente  
Do mesmo modo fez; mais logo a Oceania

A Africa se ergueu e tambem foi votar;  
Com assento de dôr a juvenil America,  
Votou, como mais moça, em ultimo lugar.

Depois a velha Europa—o dedo sobre a moleta—  
Da urna fez girar a grande tampa espherica,  
E com voz magistral foi lendo: —Emilo Zola...

JULIO TABOSA.

## AS BORBOLETAS

(IMITAÇÃO)

A ANTONIO SALLES

Vôa um bando festivo. Sobem, descem  
no prado ameno as loiras borboletas,  
e uma a uma, voltando em torno,  
beija de leve o calix das violetas.

Ergue depois o bando todo. Vão-se,  
num cardume volátil deslizando,  
à superfície placida dos lagos  
azues, de leve as azas agitando

Sobem ao ar em doidas espiraes,  
voltam de novo às floridas campinas,  
e nesse eterno volitar constantes  
bebem do orvalho as gotas cristalinas.

E vae-se a primavera e foge o outono,  
volve depois a estação ridente,  
e sempre as mesmas borboletas loiras  
a volitar no prado alegremente!

Na doce infancia as illusões douradas  
se alam do peito ao ether luminoso,  
como o bando gentil das borboletas  
celere busca o prado perfumoso.

Mas vae-se a infancia como o som no espaço,  
surgem da vida as frias estações..  
vivem no prado as mesmas borboletas  
mas não vivem no peito as illusões.

88.

JOSÉ MARTINS.

## IMPRESSÕES DISPERSAS

II

A' ANTONIO SALLES

O quarto era illuminado por  
uma luz frouxa, macia, que  
sahia de um candieiro assen-  
te em um pedestal de marmo-  
re sobre um toucador colloca-  
do a um canto.

Alli o silencio da noite era  
apenas interrompido pelo som  
menotono do pendulo pregui-  
çoso do relógio que havia em  
cima de uma commoda negra  
e pela respiração branda de  
Sidonia que dormia n'um lei-  
to alvejante, aquecido por a-  
quelle corpo branco, admira-  
vel.

Havia naquelle ambiente  
uma aroma'isação trescalan-  
te e sensual de flores que en-  
chiam os jarros de porcellana.  
Sidonia immobilisara-se n'

um somno pesado e confor-  
tante; enquanto que o Justi-  
no, o esposo bem amado, a  
quem ha dias não vira, esta-  
va sentindo todas as delicias  
de uma grande festa.

\*

Havia lá para o interior da  
cidade um grande alvoroço.

Vivas unisonantes, echoa-  
tivos partiam a um tempo de  
todos os peitos electrizados na  
quente grossidão do enthu-  
siasmo.

A passeiata marchava len-  
tamente, ébria, basofiante,  
estacando de quando em vez à  
frente de um edificio todo em-  
bandeirado, todo illuminado  
e emmudecia em face do ora-  
dor que se punha a concionar  
sobre o grande acontecimento.

D'alli seguia percorrendo  
todas as ruas, sob a luz tre-  
mula, coada a través dos lam-  
peões, das lanternas apavona-  
das que bordavam em semi

circulos as fachadas das ca-  
sas, onde se esbatia o mortico  
lunar.

Esgarabulhava na frente a  
molecagem vadia e turbu-  
lenta.

Os foguetes subiam aos ares  
e desciam ameaçadores ba-  
tendo seccamente no meio do  
calçamento empanado pelo  
junco.

A musica ia tocando uma  
peça sensibilisante, voluptuo-  
sa, positivamente boa.

As clarinetas arremessavam  
umas notas agudas, instilan-  
tes, como o trinado das aves;  
os baixos sacudiam uns sons  
grossos, como bravateios de  
féra. E todos os outros ins-  
trumentos iam soando muito  
bem.

A massa volumosa do povo  
movia-se como um só corpo,  
encolhendo-se, estirando-se e  
tomava a direcção do Passeio  
Publico, em cujo gradil tan-  
genciava a luz electrica.

Luz crystalina, trespassan-  
te e desenfreada vinha de  
longe pondo em relevo todos  
os semblantes alegres, beatifi-  
cados, incendidos no calor d'  
aquella festa.

\*

O jardim regorgitava ago-  
ra... A maior parte do povo  
apinhado em roda da tribuna  
prestava olhos e ouvidos aos  
oradores que se succediam.

Uns sentados em bancos,  
outros em cadeiras dispostas  
parallelamente em ambos os  
lados da avenida conversa-  
vam, riam-se n'um embriaga-  
mento pascato e festival.

Outros debaixo das arvores  
davam-se a uma borracheira  
lenta e anti-hygienal.

E um rapaz que ha 3 dias  
não vira a esposa, consub-  
stanciando-se na mesma ale-  
gria popular, fazia sob a fron-  
de de verde mongubeira repe-  
tidos brindes aos dois amigos,  
sentados cada à um cabecei-

ra de uma banquinha que já exsudava a cerveja derramada pelo cruzamento dos côpos.

Mais tarde um vacuo silencioso havia em quasi todo o jardim que ficou como uma pipa vasia...

O povo tinha-se retirado em grupos, em familias.

Sentia-se agora alli um infustamento desagradavel, nocivo até

Restavam apenas tres bebedores que ainda se brindavam calorosamente.

Um d'elles, moço alto, magro, bigode espesso, retorcido, assim que esvasiou o ultimo copo despediu-se dos outros e sahiu cambaleantemente por alli a fóra, exconjurando, murmurando imprecações contra a bohemia e contra todos os bohemios.

Era o Justino que demandava saudoso o caminho de casa, interrompendo com passos mal seguros o silencio profundo que pesava na ouquidão das ruas

Minutos depois entrava elle vacillantemente n'aquelle quarto cheio de uma aromatisação trescalante e sensual, e contemplava estatelado, n'um embriagamento tranquillo e pacificante, a esposa que dormia ostentando uma belleza fresca e provocadora...

M. DE MELLO CEZAR

## A SAUDADE

Saudade! palavra ao mesmo tempo doce e amarga.

Garrett chamou-a: « Delicioso pungir de acerbo espinho ».

A saudade é um sentimento que deleita; uma dôr pungente de que se gosta.

E' o laço mysterioso que une os corações que se amam,

por maior que seja a distancia que os separa.

Nas azas da saudade vôa o infeliz proscripto ao seio do lar e transporta-se aos dias de sua infancia. Torna a ver os logares que mais amara. Gosa de novo as ternas caricias de uma mãe, os doces sorrisos de uma irmã querida.

Vê o berço em que dormia o terno irmãosinho, a frondosa cajazeira que sombreava o terreiro da casa, o pequeno regato que corria a pouca distancia, os logares onde costumava brincar.

Estas saudosas recordações lhe dilaceram o coração. O pranto inunda-lhe as faces. Chora; mas como são consoladoras essas lagrimas!

A lembrança de uma felicidade passada tortura o coração do infeliz; mas elle acha prazer nessa tortura.

A saudade é de todos os sentimentos o mais incompreensivel; participa ao mesmo tempo da dôr e do prazer.

MADMOISELLE \*\*\*

## O CASAMENTO

Era n'um mez de Junho, precedido d'um inverno expansivamente creador. Os prados ostentavam a opulencia de refocillada vegetação, e a criação pulava no vigor d'uma nutrição prodigiosamente sadia, emquanto os passaros prorompiam em festivos concertos, estheticamente organisados pela fecunda mestra—a natureza—que a tudo mostrava-serisonha, simplesmente risonha.

A' soleira d'uma casa velha e achatada, de parede de barro, primitivamente construidas, estava um velho careca e barbaçudo. Pedi-lhe hospedagem, e m'a deu de modo mui officioso.

Em acto continuo um preto dessellou o meu cavallo e recolheu-o ao cercado, e uma crioula velha, que acudia pelo nome de Faustina, serviu-me café, classicamente preparado.

Concluida esta ligeira refeição, puz-me a passeiar no terreiro, cuidadosamente varrido, olhando o Jaguaribe e o deslisar em brando murmurio de suas aguas limpidas e decrescentes.

Voltando a descançar n'uma excellente rede que me indicou aquelle bom velho, notei que havia na casa alguma cousa de anormal. Era um *bota-fora* que se preparava pelo casamento d'uma sua filha.

Momentos depois chegava uma grande multidão de convidados, ao alto esquipar de seus cavallos, trazendo á frente o noivo e o padre, que tinham ido encontrar.

O noivo era um rapasola de semblante agradavel, e o padre era um typo sasonado e pantafaçudo, de beiços sensualmente grossos, trajando uma batina mais cinzenta do que preta e exhalando um halito engulhante, da enorme quantidade de rapé que consumia.

Em expressões mui cavilosas, pedi ao nosso careca que me despulpasse a indiscrição de hospedar-me em sua casa quando festejava um dos actos mais solemne do lar; se aquelle excellente compez, com uma superabundancia de ternuras, traduzidas de seus admanes, respondeu-me que não me *avexasse com aquillo, porque elle estimava muito que o casamento da sua filha fosse honrado com a presença d'um moço ladino e praciono.*

Eu fiquei contente como o urubú sobre a carniça demandada-de longo vôo.

Sem mais delonga entrou o casorio.

O noivo trajando um fato preto muito aperreado e deixando transparecer uma natural pertubação, e a noiva singelamente vestida de branco e ricamente decorada de macisso ouro, com o collo offegante, o candido rosto envolto n'aquella pallidez poetica dos momentos solemnes, a face pudorosa regada por um fio cbrystalino que derivava-lhe dos olhos scintillantes, cahiam nos pés do pastor e juravam união eterna...

Apenas os contrahentes ergueiram-so dos pés do juiz de batina, cahiram nos do velho campones, que balbuciando e fazendo um pronunciado gesto com a mão direita derramava sobre elles uma effusiva abençoção, como sancção do acto que acabavam de consummar.

Celebrado o casamento, entrou a reinar o *pagode*.

A' mor parte dos convidados offerencia-se com a maior franqueza a fallada aguardente do cariry, enquanto ás pessoas mais distinctas era offercido um poquinho de vinho vernaculo, guardado sob chave que a velha matrona trazia no cox de sua saia de chita. Tambem era offercido uma grande profusão de comidas, em que sobresahiam formidaveis pratos, disputando sadios pedaços de carne e enormes pyramides de arroz.

Como etiqueta, foram collocados na cabeceira da primeira mesa os noivos, padre e padrinhos, e eu, como hospede illustre, que passava. E então, nas phrases mais elegantes e periphrasticas que tenho bebido nos theatros e romances, brindei a estes companheiros.

Concluida a mesa, vieram para o terreiro um afamado tocador de viola e dois canta-

dores.

Ao som do baião os dois cantadores disputavam o improviso de suas quadras, e os convidados, cada um por sua vez, sapateavam e castanholavam com os dedos, com muito garbo e attendendo a todas as notas da viola. E como ficava lisongeados o convidado mais ousado que atirava na noiva, fazendo-lhe uma venia acompanhada de estridentes castanholas, e vendo-a levantar-se com o seu lenço branco cheirando a patcholy na bocca, caminhando de vagarim até ao pé da viola e atirando... em mim, por exemplo...

O samba começou ás 7 horas da noite, e só ás 7 horas da manhã do dia seguinte terminou, quando já haviam pegado o sol co'a mão, como diziam, e quando muitos convidados, inclusive o nosso padre, já estavam bem toldados, na expressão mais honesta da tal sujeita do Cariry.

Em conclusão da festa e por occasião do almoço, um festejado poeta d'aquella ribeira ergueu um brinde concebido assim:

« Viva o noivo, viva a noiva,  
viva o pad'eos convidado  
Acabo de nove mez  
quero vel-o baptisado.»

E foi phreneticamente applaudido.

AMPRISIO.

## NUPCIAS DE JESUS

Sobre os montes que rodeiam Jerusalém a distancia, a tarde cahe, como um sonho de um rei do Oriente, toda inflamada de ouro acceso e purpura, que se desdobra, ensanguentando o grande azul, immaculado e vasto do céu da Arabia ardente.

Sobre o monte das Oliveiras acampa a modesta morada de Lazaro com quem habitam

Martha e Maria. E perto d'ahi, que é uma hora de Jerusalém, na vertente que olha para o mar Morto e o Jordão ha uns cedros, umas figueiras, umas oliveiras a cuja sombra fazem suas tendas os judeus mercadores. Na ramaria escura dos cedros, ao cahir da tarde, com uma saraivada de neve, recolhem-se as pombas brancas criadas ao ar finissimo do formoso céu da Judéa.

E' á sombra d'essas arvores que a figura austera de Jesus se repousa ao sol poente, antes de recolher á casa de Lazaro, que o abriga. E' ahi que elle sonha os deslumbraamentos de sua doutrina, docemente linda e ensuaia a palavra magica com que ha de ensinal-a ao seu povo.

Ao longe o mar Merto é como um bloco de chumbo na depressão profunda da areia. E o Jordão, serpenteado o só, atravessa em silencio, ao fim de um dia ardente, a terra vermelha da Palestina.

Mais longe, quasi immeras no azul apagado do céu as montanhas serenas, desenham no ar os perfis vigorosos e tristes.

O valle do Cedron dormia na sombra avelludada da tarde extincta. Sobre a vertente que olha para o poente cahem os raios de ouro do grande sol acceso, como os reflexos de um incendio colossal que inflamma a propria aboboda encurvada e serena.

Descança Jesus, chegado de longe, da jornada impernia. Aos trinta annos, criado sob o céu da Judéa, tem a linha pura da rça e o vigor da sua vida livre. A longa cabelleira negra cahe-lhe pelos hombros como madeixa abundante das mulheres. E a barba, a primeira barba, castanha e fina emoldura o rosto onde o sol da Palestina avi-

gorou o tom moreno dos filhos d'esses logares. Aos trinta annos Jesus é ainda virgem. Todo o seu amor tem-se dirigido para o céu, que elle ideiou, e para a luz, que lhe fecundou o cerebro, e que elle chamou Deus, o seu grande pae invisivel. Toda a sua vida tem sido consagrada a essa ideia que o domina de uma religião de amor e de ternura. E o seu labio por onde passam cantando as palavras dulcissimas das suas predicas immortaes é um labio virgem que não resfolou ainda a tremer, com todo o ardor de sua raça, o seio de uma formosa judia na volupia quente de um amor terreno!

Apenas a seu lado, Maria, assentada sobre as dobras da tunica rustica de Jesus, embebe o olhar profundo da poesia vigorosa e casta que respira a figura serena do pregador immortal.

Já se recolheram na ramaria dos cedros as brancas pombas forasteiras. Os ultimos ardores do dia morrem no poente e a côr do céu se aprofunda e atrista.

O Cedron está envolto na sombra negra de velludo. Os perfis das montanhas desaparecem ao longe. O mar Morto não se distingue mais; menos o Jordão ainda. Trazido por um vento que vem do valle chega um perfume suave de flôres cahidas. Por traz de uma montanha, ao longe, vem nascendo religiosamente a lua.

Jesus assentado, falla meio inclinado para Maria, que, muito aconchegada pende-lhe do labio, recebendo a palavra ainda quente do seu hálito que cheira aos figos da Bethania. Narra-lhe o Christô os accidentes e as penas da longa jornada finda. Veio

pelo caminho dos mercadores, de Guiceo a Sichem, de Sichem a Jerusalem. De Sichem a Jerusalem a estrada é sombria, coberta de longas arvores copadas. Nos longos dias do verão torua-se menos penosa a viagem na sombra cerrada do arvoredado. Mas nos tristes dias foscos aperta-se o coração ao caminheiro sob essa cupola tristonha. Passa-se junto de Sito e de Bethel, essas aldeias simples.

Quando Jesus suspende a palavra, Maria falla-lhe, cheia de saudade, da outra jornada anterior; lembra-lhe as tardes que suavemente passaram n'aquelle mesmo sitio solitario. Recorda-lhe Martha irritada com a sua ausencia vindo chamal-a para o trabalho. Então, Jesus sorrindo desculpa perante a Martha a falta de Maria. Dizia-lhe que voltasse tranquillamente e deixasse que Maria ouvisse do seu labio a doutrina querida de Deus.

A lua continúa a subir religiosamente no céu sereno. O Nazareno prosegue contando os accidentes do caminho meio inclinado para Maria.

A ultima noite é passada em Ainel-Haramié, sitio encantador de uma profunda poesia sagrada. Toda a montanha é coberta de tumulos. Ahi é que Jesus falla ao coração de seus discipulos aproveitando o retiro manso e encantador do cemiterio, e d'entre as pedras da rocha derriva uma agna, muito negra que é como que a origem do grande rio lugubre da Morte.

Maria estremece e chega-se muito ao narrador quando elle lhe falla nos tumulos. Elle toma-lhe as mãos entre as suas, como para tranquillisar-lhe o animo. Maria debruça a formosa cabeça sobre o seio do mestre.

Os labios de Jesus roçam-lhe acaso pela fronte. Ella estremece.

A lua continúa a subir religiosamente. E ambos mestre e discipula, meio abraçados, com as mãos juntas, levantam os olhos para o azul purissimo no mysticismo vago de um sonho.

Maria, muito tremula, sobre o collo de Jesus, sente que vae morrer!...

Pendurada quasi em meio do grande azul profundo, rutila como o escudo de um guerreiro fidalgo, a cara pallida da lua envia á terra um grande beijo luminoso e casto.

A noite avança no espaço, serenamente muda n'um silencio religioso e triste.

A branca luz que vem do céu banha a côpa das figueiras do monte e a figura erigida dos cedros colossaes.

Sob as arvores onde fazem as tendas os judeus mercadores ha brancas vestes que se movem. As pombas desaniçadas do cedro escuro vôm doidamente espantadas no meio da noite.

E pela encosta, como dois phantasmas na direcção da casa de Lazaro, descem duas sombras indecisas. Jesus caminha sobraçando a tunica, apressadamente. Maria segue-o em silencio, com os longos cabellos derramados, soprados pela aragem perfumada do valle. Ha entre elles um silencio meditativo e fundo, uma mudez incomprehensivel que aterra.

As suas figuras que avançam crescem e se avolumam na gaze fina da nevoa do monte.

E assim, como dois espectros, desapparecem silenciosos, através da noite enluarada e muda.

EMANUEL KARNERO

# THEATRO S. LUIZ

## BREVEMENTE

### GRANDE COMPANHIA DRAMATICA

EMPRESA E DIRECÇÃO DA ACTRIZ

# APOLLONIA

Brevemente estréa d'esta grande

COMPANHIA

## ELLENCO:

Actrizes

Actores

**Apollonia Pinto**

Maria Augusta da Silva

Manoela Araujo

Josefa de Carvalho

**Ponto** — J. Pereira

**Contra-regra** — Maximo

**Fiscal** — A. Carneiro

**Machinista** — A. Arruda

**Bernardo Lisboa**

Carvalho Lisboa

A. Marques

A. Abreu

S. Silva

J. de Mello

Leandro Ribeiro

J. A. Carneiro

## REPERTORIO:

Inteiramente novo e escolhido. Dramas e comedias dos melhores auctores.

Scenarios, vestuarios, accessorios, machinismos, tudo novo e deslumbrante.

A Empresa, previne ao respeitavel publico, que sendo pequena a demora da Companhia, não repetirá peça alguma.

ENCOMMENDAS DE BILHETES NO ESCRIPTORIO DO

# LIBERTADOR

## A QUINZENA

(13-01-1887) — (10-06-1888)

### ÍNDICE POR AUTORES

*M.<sup>a</sup> da Conceição Sousa*

**ABREU, João Capistrano de:**

Origem da palavra Ceará .... 5 : 33-4 (1887, março, 15)

**AMPHRISIO:**

O Avô ..... 5 : 33-4 (1888, março, 28)

O Casamento ..... 8 : 61-2 (1888, junho, 10)

A Hora da coalhada ..... 6 : 43-4 (1888, abril, 16)

**BARCELOS, José de:**

Pestalozzi - I - ..... 12 : 9 (1887, julho, 5)

Pestalozzi - II - ..... 1 : 81-2 (1887, junho, 15)

**BARROS, Edmundo:**

Paisagem - I e II - ..... 4 : 29 (1888, março, 11)

**BERT, Gil (pseud.)**

De penna atraz da orelha .... 4 : 25-7 (1888, março, 11)

O Naturalismo ..... 1 : 3-4 (1888, jan. 15)

O que vem a ser uma obra  
naturalista? ..... 2 : 11 (1888, jan. 31)

*ver também:* **GIL**

**PAIVA, Manoel de Oliveira**

**BEZERRA, Antônio:**

Os insectos na fecundação dos

Vegetaes ..... 3 : 20-1 (1888, fev. 23)

O nosso progresso ..... 7 : 51-3 (1888, maio, 3)

**B.V.**

O Mímo das rosas ..... 1 : 3 (1888, jan. 15)

*v. t.* **BRIGIDO, Virgílio**

**BRIGIDO, Virgílio:**

Contradição ..... 5 : 34-5 (1888, março, 28)

Inania régla ..... 5 : 34 (1887, março, 15)

Jesus ..... 6 : 44 (1887, março, 30)

Lumen - Numem ..... 1 : 4 (1887, jan. 5)

v. t. B.V.

BERT, Gil (pseud.)

- A Alma reduzida a um problema de matemática ..... 13 : 97-9 (1887, julho, 18)  
Antonia e Alice ..... 12 : 92 (1887, julho, 5)  
Divagações ..... 8 : 59 (1888, junho, 10)
- Os dous vultos ..... 20 : 155 (1887, dez. 2)  
Duas palavras sobre a psychologia ethnographica .... 3 : 19-20 (1887, fev. 15)  
4 : 27 (1887, fev. 28)
- A Fórmula psychologia X-Ig.V ..... 7 : 49-51 (1888, maio, 3)  
8 : 57-9 (1888, junho, 10)
- Luz e sombra ..... 18 : 139-40 (1887, nov. 18)  
O Papel da poesia ..... 6 : 41-2 (1887, março, 30)  
7 : 51-2 (1887, abril, 15)  
8 : 57-8 (1887, abril, 30)  
9 : 66-7 (1887, maio, 19)
- O Suicídio como consequência da falta de convicção ... 1 : 4-5 (1888, jan. 15)  
21 : 161-3 (1887, dez. 15)  
22 : 169-71 (1888, janeiro, 3)
- Visão do futuro ..... 14 : 109-10 (1887, julho, 31)  
17 : 131-2 (1887, set. 17)

CABRAL, L.:

- Uma observação ..... 6 : 48 (1887, março, 30)

CARLOS junior, José:

- Apontamentos esparsos ..... 15 : 113-4 (1887, agosto, 26)  
16 : 123-4 (1887, set. 4)  
1 : 1-2 (1888, janeiro, 15)  
6 : 41-3 (1888, abril, 16)
- Poema instantâneo ..... 19 : 148 (1887, nov. 18)

CARLOS junior, José

v. t.

JACY, Bruno

CARLOS, Xavier de:

- A Antônio Bezerra ..... 7 : 53 (1888, maio, 3)

CESAR, Manoel de Mello:

- Impressões dispersas ..... 76 : 53-4 (1888, maio, 3)  
8 : 60-1 (1888, junho, 10)

CLOTILDE, Francisca:

- Beleza funesta ..... 4 : 28 (1888, março, 11)  
Brincar com cinza ..... 9 : 70-1 (1887, maio, 15)  
Deserto ..... 8 : 63-4 (1887, abril, 30)  
A Engeltada ..... 18 : 143-4 (1887, out. 15)  
Mãe dolorosa ..... 61 : 127 (1887, set. 4)  
Victor Hugo ..... 10 : 79-80 (1887, maio, 31)

**CLOTILDE, Francisca**

*v. t.*

DAVY, Jane

D. J.

LIMA, Francisca Clotilde B.

**COOPÉE, François:**

O Luz de ouro ..... 7 : 54-6 (1888, maio, 3)

**D. J.:**

Mariposa ..... 9 : 71 (1887, maio, 15)

*v. t.*

DAVY, Jane

CLOTILDE, Francisca

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa

**DAVY, Jane:**

Homenagem ..... 6 : 47 (1888, abril, 16)

Meu amor ..... 7 : 54-6 (1887, abril, 15)

Saudade de um anjo ..... 3 : 22-3 (1888, fev. 23)

**DAVY, Jane**

*v. t.*

CLOTILDE, Francisca

D. J.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa

**DE VIREMONT:**

Episódio da guerra da Hespanha de 1808 ..... 14 : 106-7 (1887, julho, 31)

Le Palmier qui parle ..... 4 : 28 (1888, março, 11)

**ESTATUTOS DO CLUB LITERARIO**

..... 17 : 185-6 (1887, set. 17)

**G. J.:**

Abysmo ..... 15 : 116-7 (1887, agosto, 26)

Minh'alma ..... 18 : 140 (1887, out. 15)

Suspirando ..... 16 : 123 (1887, set. 4)

**G. J.**

*v. t.*

GALENO, Juvenal

**GALENO, Juvenal:**

Amor do bardo ..... 12 : 90-1 (1887, julho, 5)

13 : 102 (1887, julho, 18) - Reproduzido  
por incorreção.

María de Barros ..... 2 : 13-4 (1887, jan. 30)

Medo ..... 11 : 83-4 (1887, junho, 15)

O primeiro filho ..... 8 : 58-9 (1887, abril, 30)

Regresso ..... 1 : 5-6 (1887, janeiro, 15)

**GALENO, Juvenal**

*v. t.* G. J.

**GAMA, Domicio da:**

Romancite ..... 7 : 54 (1888, maio, 3)

**GARCIA, Abel**

A mulher cearense ..... 2 : 9-10 (1887, jan. 30)  
3 : 23-4 (1887, fev. 15)  
4 : 25-6 (1887, fev. 28)

Num album ..... 14 : 110-1 (1887, julho, 31)

Um romance naturalista-Hos-  
pede, de P. Mallet ..... 17 : 179-81 (1887, set. 17)

**GIL:**

De preto e de vermelho ..... 3 : 19-20 (1888, fevereiro, 23)

A Paixão ..... 6 : 45-7 (1888, abril, 16)

**GIL**

*v. t.*

**BERT, Gil**

**PAIVA, Manoel de Oliveira**

**IZA:**

Páginas soltas ..... 6 : 44 (1888, abril, 16)

**J. B.:**

Phases ..... 2 : 10 (1888, jan. 31)

**J. B.**

*v. t.*

**JACY, Bruno**

**JACY, Bruno**

A Ignez ..... 15 : 114 (1887, agosto, 26)

Aqui ..... 9 : 67 (1887, maio, 15)

O Bem-te-vi ..... 2 : 10-1 (1887, jan. 30)

A Encrusilhada ..... 2 : 12 (1888, jan. 31)

Estatuetas ..... 11 : 84-5 (1887, junho, 15)

Felicidade! ..... 14 : 111 (1887, julho, 31)

Íntima ..... 3 : 20 (1887, fevereiro, 15)

Sehnsucht ..... 10 : 77 (1887, maio, 31)

A setta e a canção ..... 11 : 82 (1887, junho, 15)

**JACY, Bruno**

*v. t.*

**RIBEIRO junior, Carlos**

**J. B.**

**KARNEIRO, Emanuel:**

Núpcias de Jesus ..... 8 : 62-3 (1888, junho, 6)

**LIMA, Francisca Clotilde Barbosa**

A Educação moral das crianças  
na escola ..... 3 : 21-2 (1887, fev. 15)

6 : 47-8 (1887, março, 30)

A mulher na família ..... 5 : 40 (1887, março, 15)

6 : 47-8 (1887, março, 30)

v. t.

CLOTILDE, Francisca  
DAVY, Jane  
LIMA, F. Clotilde Barbosa

L. J.:

Os Quinze dias.....	4 : 28-9 (1887, fev. 28)
	6 : 42-4 (1887, março, 30)
	6 : 47-8 (1888, abril, 16)
	8 : 62-3 (1887, abril, 30)
	9 : 71-2 (1887, maio, 15)
	10 : 76 (1887, maio, 31)
	11 : 85 (1887, junho, 15)
	15 : 15 (1887, agosto, 15)
	18 : 140-2 (1887, out. 15)
	20 : 158-9 (1887, dez. 2)

L. J.

v. t.

LOPES, João

LOPES, João:

Preliminares .....	1 : 1-2 (1887, jan. 15)
--------------------	-------------------------

MADemoISELLE \*\*\*

O Natal .....	6 : 44-5 (1888, abril, 16)
Roubo de nove contos .....	5 : 35 (1888, março, 28)
A saudade .....	8 : 61 (1888, junho, 10)

MARIO:

Da corte .....	3 : 22-3 (1887, fev. 15)
	5 : 38-40 (1887, março, 15)
	7 : 56 (1887, abril, 15)

MARTINS, A.:

Estatuetas .....	10 : 79 (1887, maio, 31)
------------------	--------------------------

MARTINS, Alvaro

Em pleno azul .....	5 : 37 (1888, março, 28)
Noite de amor .....	6 : 47 (1888, abril, 16)

MARTINS, Antonio

Os quinze dias .....	1 : 6-8 (1887, jan. 15)
----------------------	-------------------------

MARTINS, Antonio

v. t.

PERY

MARTINS, José:

As Borboletas .....	8 : 60 (1888, junho, 10)
O Falso amigo .....	14 : 110 (1887, julho, 31)
O Justo .....	15 : 14 (1887, agosto, 26)
Olhos moleques .....	6 : 43 (1888, abril, 16)
Uma carteirinha .....	20 : 154 (1887, dez, 2)
O Vigário .....	11 : 85 (1887, junho, 15)

MENDÉS, Catulle

A fidelidade de Colette .....	22	: 171-3 (1888, jan. 3)
Reconhecimento .....	20	: 156 (1887, dez. 2)
N. A.:		
Nessum Maggior dolore .....	7	: 53 (1888, maio, 3)
<i>v. t.</i>		
<b>NOGUEIRA, Anna</b>		
NOGUEIRA, Anna:		
Conselho .....	5	: 37 (1888, março, 28)
Teu olhar .....	6	: 47 (1888, abril, 16)
NOGUEIRA, Paulino		
Barões assinalados .....	21	: 163-5 (1887, dez. 15)
O Caipora .....	11	: 86-7 (1887, junho, 15)
O Cajueiro .....	14	: 107-8 (1887, julho, 31)
A Capoeira .....	13	: 99-100 (1887, nov. 18)
A Carnaúba .....	12	: 94-5 (1887, julho, 5)
O Cavalo .....	19	: 146-9 (1887, nov. 18)
A Cor morena .....	16	: 125-6 (1887, set. 4)
A Jangada .....	10	: 73-6 (1887, maio, 31)
A Mãe d'água .....	20	: 153-4 (1887, dez. 2)
Origem da palavra Aquiraz ...	9	: 65-6 (1887, maio, 15)
Origem da palavra Ceará ...	1	: 2-4 (1887, jan. 15)
	2	: 11-3 (1887, jan. 30)
O Pe. Francisco Pinto ou a Primeira Cathequese dos Índios do Ceará .....		
	3	: 17-9 (1887, fev. 15)
	4	: 30-2 (1887, fev. 28)
	5	: 34-7 (1887, março, 15)
	6	: 44-6 (1887, março, 30)
	7	: 49-51 (1887, abril, 15)
	8	: 59-62 (1887, abril, 30)
O Papagaio .....	15	: 115-6 (1887, agosto, 26)
O Urubu .....	18	: 142-3 (1887, out. 15)
OLYMPIO, Antonio		
Nenê .....	12	: 95-6 (1887, julho, 5)
OLYMPIO, José:		
A Carta .....	5	: 37 (1887, março, 15)
As Crianças .....	1	: 8 (1887, jan. 15)
Nobre .....	9	: 69-70 (1887, maio, 15)
PAIVA, Manoel de Oliveira:		
O Ar do vento. Ave Maria ....	3	: 20-1 (1887, fev. 15)
Ao Cahir da tarde .....	2	: 12-4 (1888, jan. 31)
A Barata e a vela .....	16	: 126 (1887, set. 4)
As Conferências do Club Líbano .....	14	: 105-6 (1887, julho, 31)
Corda sensível .....	4	: 5 (1887, jan. 15)
A melhor cartada .....	7	: 53-4 (1887, abril, 15)
O Ódio .....	10	: 77-8 (1887, maio, 31)

- Pobre Moysés que o não foste! 9 : 67-9 (1887, maio, 15)  
 Variações sobre um thema de  
 Buffon ..... 19 : 148-9 (1887, nov. 18)  
 O velho vovô ..... 4 : 29-30 (1887, fev. 28)  
 A Volta das andorinhas ..... 1 : 5-6 (1888, jan. 15)

PAIVA, Manoel de Oliveira  
*v. t.*

GIL  
 Bert, Gil

PAPI Junior

- O anel ..... 5 : 36-7 (1888, março, 28)

PERY

- Estatuetas ..... 16 : 124-5 (1887, set. 4)  
 Olhos moleques ..... 5 : 37 (1888, março, 28)  
 O Rapto ..... 6 : 43 (1888, abril, 16)  
 Soneto - Das cecílias ..... 16 : 123 (1887, set. 4)

PERY *ver também*

MARTINS, Antonio

REDAÇÃO:

- O Bom gosto ..... 4 : 31-2 (1888, março, 11)  
 Letras e artes ..... 11 : 85-6 (1887, junho, 15)  
 Livros e folhetos ..... 16 : 127-8 (1887, set. 4)  
 Palco e salões ..... 19 : 145 (1887, nov. 18)

- Pelo mundo artístico ..... 1 : 7 (1888, jan. 15)  
 2 : 15 (1888, jan. 31)  
 3 : 21-2 (1888, fev. 23)  
 4 : 27-8 (1888, março, 11)  
 5 : 39-40 (1888, março, 28)

- A Quinzena ..... 1 : 1 (1888, jan. 15)  
 10 : 73 (1887, maio, 31)

- Recibos ..... 2 : 14-5 (1888, jan. 31)  
 4 : 32 (1888, março, 11)

RODRIGUES, Martinho:

- Ao por do sol ..... 22 : 171 (1888, jan. 3)  
 Exterioridades ..... 12 : 94 (1887, junho, 5)  
 Formosa ..... 3 : 20 (1887, fev. 15)  
 Messalina ..... 4 : 28 (1887, fev. 28)  
 Planos futuros ..... 5 : 37 (1887, março, 15)

SALES, Antonio:

- Alternativa ..... 19 : 149 (1887, nov. 18)  
 Ao luar ..... 4 : 31 (1888, março, 11)  
 A Canção de "Tragadalbas" .. 10 : 76 (1887, maio, 31)  
 3 : 22 (1888, fev. 23)  
 Dúvidas ..... 10 : 78-9 (1887, maio, 31)  
 O filhino (sic) do Pery ..... 20 : 154 (1887, dez. 2)  
 Lyricas (I e II) ..... 21 : 163 (1887, dez. 15)  
 (III e IV) ..... 9 : 66 (1887, maio, 15)  
 A Mãe louca ..... 14 : 110 (1887, julho, 31)  
 Rosa d'alvorada ..... 13 : 101 (1887, julho, 18)  
 O Vestido azul .....

A Volta das andorinhas .....	2 : 10 (1888, jan. 31)
<b>SERPA, Justiniano de:</b>	
A Escola .....	1 : 8 (1887, jan. 15)
Os gemios .....	2 : 9-10 (1888, jan. 31)
Graphologia criminal .....	3 : 17-9 (1888, fev. 23)
O Jornal .....	10 : 77 (1887, maio, 31)
O Povo à realeza .....	12 : 93 (1887, julho, 5)
<b>SIMÕES, Joaquim Manoel:</b>	
Herbert Spencer .....	12 : 89-90 (1887, julho, 5)
<b>SOBREIRA, J. Gonçalves Dias:</b>	
Curiosa fundação de Caldas ..	13 : 102-3 (1887, julho, 18)
<b>STUDART, Guilherme:</b>	
A jangada .....	11 : 82-3 (1887, junho, 15)
Milton e phases da sua vida ..	2 : 14-6 (1887, jan. 30)
A Papisa Joanna ou uma le- genda parasita .....	16 : 121-3 (1887, set. 4)
<b>SYLVIO:</b>	
A propósito de uma anedota ..	1 : 6-7 (1888, jan. 15)
<b>TABOSA, Júlio:</b>	
Uma eleição .....	8 : 59 (1888, junho, 10)
<b>THEOPHILO, Rodolpho:</b>	
Contraste .....	11 : 86 (1887, junho, 15)
O Lazareto .....	3 : 23-4 (1888, fev. 23)
A Paixão .....	7 : 53 (1887, abril, 15)
<b>HISTÓRIA NATURAL:</b>	
As borboletas .....	13 : 101-2 (1887, julho, 2)
O Cafeeiro .....	17 : 132-5 (1887, set. 17)
As Douzellinhas .....	12 : 93-4 (1887, julho, 5)
As Flores .....	19 : 149-52 (1887, nov. 18)
Reprodução dos vegetais ....	21 : 166-8 (1887, dez. 15)
A Vida dos vegetais .....	22 : 173-6 (1888, jan. 3)
<b>SCIENCIAS NATURAIS:</b>	
A água .....	20 : 156-8 (1887, dez. 2)
Ar e atmospheria .....	18 : 137-9 (1887, out. 15)
A luz .....	15 : 118-9 (1887, agosto, 26)
Os Volções (sic) .....	5 : 37-9 (1888, março, 28)
<b>VARZEA, Virgílio:</b>	
Estrada à fora .....	7 : 52-3 (1887, abril, 5)
A Ethica .....	4 : 26-7 (1887, fev. 28)
História de uma gaiivota ....	3 : 20 (1887, fev. 5)
Ignéz .....	5 : 37 (1887, março, 15)
O Manoel Basta .....	8 : 64 (1887, abril, 30)
O Morphetico .....	6 : 46-7 (1887, março, 30)

#### ANNUNCIOS

A partir do v. 11, (15 de junho de 1887, ao num. 8 (6 de junho de 1888) a última página era destinada a anuncios comerciais.

